

Missionário refuta críticas de Gallois

Sr. Diretor:

Com respeito ao artigo veiculado neste jornal, no dia 31/08/93, sob o título "Permanência de missionários em reserva provoca críticas", solicito de V. Sa que de acordo com as leis de imprensa tome as devidas providências para publicar este esclarecimento que ora lhe passamos às mãos:

Em primeiro lugar a matéria diz que a antropóloga Dominique Gallois posicionou-se contra a permanência de missionários na área indígena. Isto não é uma novidade, mas quero acrescentar que não se trata apenas de uma mera opinião da antropóloga, é uma obsessão sua. Vejamos como suas declarações parecem mostrar uma pretensiosa tentativa de levar a opinião pública a formar uma imagem negativa do missionário como um transgressor.

A sua declaração de que a presença dos missionários na reserva indígena era ilegal certamente não foi feita por desconhecimento: ou ela estava delirando ou então pretendia infamar os missionários atribuindo-lhes o caráter de invasores.

O fato é que mediante convite dos índios e com a anuência e oficialização da Funai desde julho de 1983 estamos atuando ali junto aquela comunidade. Trabalhamos sob convênio com a Funai e atualmente estamos no interregno de convênio. Para maior clareza da razão de nossa presença ali, foi feita uma reunião na qual estava presente toda a liderança da AI Waiãpi, as lideranças da Funai (ADR Macapá e PIN Amapari) e os missionários. Ficou decidido por unanimidade a continuação do trabalho assistencial dos missionários. Foi lavrada uma Ata e todos os participantes a assinaram. É bom que isto fique público e notório.

Se fosse ilegal a presença dos missionários na AI Waiãpi, será que o sr. Antonio Pereira Neto teria declarado que tal fato ocorre com a anuência da Funai e total apoio seu? ("Funai nega denúncias" Jor-

nal "Hoje Amapá" de 02/09/93).

A informação de que "há três meses vigora Portaria do Ministério da justiça que proíbe a permanência de missionários nas reservas indígenas" é inverídica. Na realidade tentaram fazer passar uma Portaria naqueles termos. Era uma artimanha de alguns antropólogos tentando obter o monopólio e o controle dos missionários nas áreas indígenas. Porém tal portaria não foi aprovada por ser inconstitucional e discriminatória.

O preconceito e objeções contra o trabalho assistencial dos missionários ficou evidenciado em suas observações. Isto porque a autora não consegue conceber o índio como um cidadão livre que é capaz e tem o direito de fazer escolhas, tomar decisões e optar por algo que lhe convenha sem a proteção ou orientação de antropólogo. Puxa, quanto zelo! Finalmente o artigo traz o polêmico assunto de "evangelização do índio apagando toda uma cultura". Não vou tentar analisar todo o mérito desta questão agora. Farei apenas algumas considerações para, quem sabe fazer uma abordagem maior do mesmo posteriormente.

Ora, na realidade a cultura Waiãpi como a de qualquer outro povo - sempre evolui e este processo se intensifica cada vez que uma novidade é introduzida entre eles. O uso de vídeo, a escolarização, o uso de armas de fogo, facões, rádios, lanternas de pilha - tudo isso apressa o processo de aculturação ou se preferir "apaga" a cultura na expressão da antropóloga. Eu diria que até mesmo uma simples caixa de fósforos ou um isqueiro pode provocar grandes mudanças não somente na cultura material mas também na sua perspectiva do universo místico. Para exemplificar isto com fatos bem atuais, o programa de ensino que a antropóloga desenvolve inclui o deslocamento de jovens casados afastando-os de suas famílias e atividades para "treiná-los" fora como monitores. Tal procedimento é anormal em sua cultura e em outros

países foi considerado um grave fator etnocida. Os Waiãpi estão questionando muito isso, ainda mais agora que está sendo feito justamente na época de derrubada de raças quando a participação dos jovens para caçar ou ajudar nas roças é imprescindível.

Outra coisa é a atividade do garimpo que já vinha sendo desenvolvida com implementos de fora e ultimamente tem um projeto de mecanização causando mudanças na organização social e econômica da sua cultura.

Ora, tudo isso contribui para "apagar" a cultura mas talvez esteja sendo aceito como um "mal necessário" ou encarado como aculturação. Portanto pergunto: já que se aceita que a cultura seja "desenvolvida" com todas essas coisas, porque privá-la do Evangelho? Ao optar pelo Evangelho o índio deixaria de ser índio? O ensino bíblico é realmente nocivo à cultura como dizem os antropólogos?

Estaria o Senhor Jesus Cristo cometendo equívoco ao ordenar "ide fazei discípulos de todas as etnias ensinando-os..." ou ao revelar para João que estará diante do Cordeiro uma inumerável multidão "procedente de todas as nações, tribos, povos e línguas..."?

O que diz o próprio índio? O índio que conhece o Evangelho acha que o branco fez mal em evangelizá-lo? De modo nenhum, embora alguns até questionem a forma como foi feito, todos sem excesso demonstram muita gratidão a quem lhes comunicou o Evangelho.

Como se pode ver, a questão é bem mais profunda do que simplesmente dizer que o índio tem a sua cultura e religião e é errado comunicar-lhe o evangelho. Creio que muito mais poderia ser dito, mas o que foi dito deve ser suficiente para abrir a discussão sobre o assunto.

Rev. Silas de Lima
Pastor-missionário
Caixa Postal, 381
75001-970 - Anápolis GO.